

# Herança Emocional

UMA TERAPEUTA,  
SEUS PACIENTES E O  
LEGADO DO TRAUMA

**Dra. Galit Atlas**



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2022

# Sumário

*Um Rastro na Mente* 1

## **PARTE I**

NOSSOS AVÓS

TRAUMA HERDADO EM GERAÇÕES PASSADAS 15

1. Vida e Morte em Casos de Amor 17
2. Confusão de Línguas 43
3. Sexo, Suicídio e o Enigma do Luto 71
4. A Radioatividade do Trauma 87

## **PARTE II**

NOSSOS PAIS

OS SEGREDOS DE OUTROS 109

5. Quando os Segredos se Tornam Fantasmas 111
6. Bebês Indesejados 119
7. Permissão para Chorar 145
8. Irmão Morto, Irmã Morta 173

**PARTE III**

**NÓS MESMOS**

*QUEBRANDO O CICLO* 183

9. O Sabor do Sofrimento 185

10. O Ciclo da Violência 203

11. A Vida Não Examinada 227

*Uma Porta se Abre* 259

*Índice* 265

AMOSTRA

# PARTE I

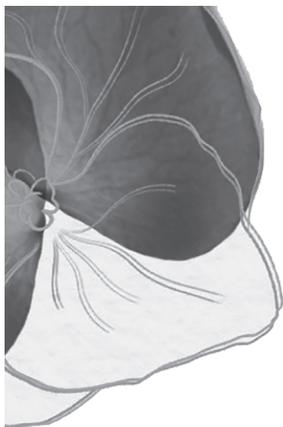
## NOSSOS AVÓS

### *Trauma Herdado em Gerações Passadas*

TODOS NÓS TEMOS nossos fantasmas. Mas, como os psicanalistas Maria Torok e Nicolas Braham escreveram, “o que nos assombra não são os mortos, mas as lacunas deixadas dentro de nós pelos segredos de outros”. Eles estavam se referindo aos segredos intergeracionais e às experiências não processadas que costumam não ter uma voz ou uma imagem associada a eles, mas que, mesmo assim, espreitam em nossas mentes. Carregamos um material emocional que pertence aos nossos pais e avós, conservando perdas que eles nunca expressaram por completo. Sentimos esses traumas até quando não estamos conscientemente a par deles. Esses velhos segredos de família vivem dentro de nós.

Esta seção se concentra primariamente na terceira geração de sobreviventes. Ela foca o resultado do Holocausto, em que o trauma reprimido costuma se transformar em pavor não identificado e onde histórias não contadas são reencenadas vez após vez. Ela explora os efeitos da perda na infância sobre as gerações seguintes, analisa como o abuso sexual sofrido por avós pode afetar a vida dos seus netos e apresenta os segredos do amor proibido de um avô tal como eles surgem na mente de um neto. Quando somos colocados contra o cenário de vida ou morte, às vezes é o erotismo que oferece um escape, uma maneira de chegar até a terra dos vivos. As coisas que não temos permissão de saber nos assombram e continuam sendo um mistério, deixando-nos inconsoláveis.

AMOSTRA



# 1

## VIDA E MORTE EM CASOS DE AMOR

EVE DIRIGE UMA hora, duas vezes por semana, para realizar sua sessão comigo. Ela diz que odeia dirigir e que gostaria que outra pessoa pudesse trazê-la, esperá-la do lado de fora do meu consultório e levá-la de volta para casa. Ela não precisa que essa pessoa a entretenha; eles nem sequer precisam conversar. Para ela, seria mais do que suficiente sentar-se do lado do motorista e ouvir a música de fundo.

Senti uma onda de tristeza ao ouvir Eve se descrevendo sentada ao lado do motorista. Imaginei a garotinha que ela era, tentando ser boazinha e quieta, sem interromper ninguém, sem se envolver em problemas, fingindo que não existe.

Eu lhe perguntei em uma das nossas primeiras sessões qual era a memória de infância mais antiga que ela tinha. Ela respondeu: “Eu tinha 5 anos. Estava esperando do lado de fora da escola para que minha mãe fosse me buscar, mas ela se esqueceu. Cheguei à conclusão de que tinha que ficar lá, sentada, esperando minha mãe se lembrar de mim. ‘Tenha paciência’, disse a mim mesma.”

A primeira memória de infância que temos costuma conter os ingredientes principais da terapia futura. Ela costuma indicar por que o paciente está procurando terapia e reflete uma imagem do ponto de vista do paciente sobre ele mesmo. Todas as memórias escondem memórias reprimidas anteriores e subseqüentes dentro delas.

A primeira memória de Eve me transmitiu a experiência de ser esquecida. Pouco a pouco, ficou claro que ela costumava ser deixada sozinha, sem supervisão paterna, e que ela cresceu, como a mais velha de quatro filhos, em uma família na qual havia muita negligência e apatia emocional.

Senti uma proximidade com Eve. Ela está na casa dos 40 anos de idade, tem cabelos castanhos que chegam até os ombros e olhos verdes que costumam estar escondidos por trás de óculos de sol grandes e escuros. Ela tirou seus óculos, entrou na sala e sentou-se rapidamente no divã. Cumprimentou-me com um sorriso tímido, o que me fez perceber uma covinha em sua bochecha direita. Ela tirou os sapatos de salto alto e ficou descalça, sentando-se com as pernas cruzadas no divã. Eve é linda, e, em alguns momentos, ao olhar para mim com os olhos de uma garotinha, ela parecia perdida.

Pergunto-me se a mãe de Eve acabou se lembrando de ir buscá-la e tento imaginar como Eve se sentiu ao esperar por ela, escondendo o medo de que sua mãe talvez nunca viesse.

Eu perguntei, mas Eve permaneceu em silêncio. Ela não se lembra. Nas nossas sessões, ela costuma se tornar dissociativa, olhando pela janela, como se ela estivesse e não estivesse comigo, simultaneamente. Algo a respeito dela é de tirar o fôlego, mas, às vezes, ela parece desinteressante.

Eve costuma permanecer distante; ela toma cuidado para não expressar emoções intensas e fica longos períodos em silêncio.

Olho para ela e me pergunto se eu também fui designada para ser sua motorista, uma adulta na sua vida, alguém que vai chegar na hora, assumir o controle e levá-la para onde ela precisa estar. Eu me sento silenciosamente, ciente de que pode levar um tempo para que ela olhe para mim ou diga alguma coisa.

“Estive com ele novamente ontem à noite”, comentou ela, iniciando a sessão e se referindo a seu amante, Josh, com quem se encontra algumas vezes por semana.

Por volta da 20h, quando seus colegas saíram, ele abriu o Line, um aplicativo japonês que eles usam para enviar mensagens um ao outro, e pediu que ela fosse ao seu escritório. Eve me explicou que eles precisavam de uma maneira segura de se comunicar.

“Quando Josh sugeriu pela primeira que usássemos esse aplicativo, pensei que ele havia dito ‘Lying’ [Mentindo] em vez de ‘Line’ [Linha], e pensei comigo mesma: ‘Que nome estranhamente inapropriado para um app.’” Ela riu e acrescentou sarcasticamente: “Acho que deveria haver uma rede para aqueles que traem, talvez uma sala de bate-papo na qual as pessoas compartilhassem informações e dessem conselhos umas às outras, como aqueles grupos para novas mães. Alguém deveria ter transformado isso em um negócio, não acha? Milhões de pessoas se sentem perdidas e confusas. Elas não sabem como sobreviver ao adultério.” Ela sorria, mas parecia mais triste do que nunca.

Ela não olhava para mim. “Josh e eu nos tornamos membros do SoulCycle como um álibi para nos encontrarmos à noite. É uma boa desculpa para voltarmos suados para casa e ir direto para o chuveiro.” Ela pausou e acrescentou: “Tirar o cheiro dele do meu corpo sempre me deixa triste. Eu preferiria ir dormir com esse cheiro.”

Eve inspirou, como se estivesse tentando se acalmar, e acrescentou com um sorriso: “Josh acha que o SoulCycle poderia lucrar vendendo ‘pacotes de álibi’, nos quais as pessoas poderiam se tornar membros falsos a um preço mais em conta.”

Eu sorri de volta, embora soubesse que nada disso tinha graça. Havia muita confusão, culpa e medo no seu jeito gracioso de me contar as coisas. De uma hora para a outra, ela se tornou realmente presente, e senti a intensidade da sua dor. Ela estava viva, acredito, e me perguntei em voz alta se ela queria falar mais sobre seu caso de amor.

Durante nossa primeira sessão, Eve me contou que era casada e que tinha dois filhos. Sua filha tinha acabado de fazer 12 anos e seu filho tinha 9. Ela também me disse que havia decidido começar a fazer terapia porque algo terrível havia acontecido, algo que a havia feito perceber que precisava de ajuda. Foi então que me contou sobre Josh.

Eve passa algumas noites por semana no escritório de Josh. Ele é uma criatura de hábitos e eles têm uma rotina: primeiro, fazem sexo, então, pedem comida e, quando acabam de comer, ele a leva para casa.

Ela me contou sobre suas relações sexuais, com hesitação de início, mas logo em detalhes.

“Com Josh, eu não tenho controle de nada”, descreveu ela, me encarando para ver se eu entendia o que ela queria dizer. Ela me explicou que, em sua submissão a ele, ela se sente segura. Sente que ele sabe tudo sobre ela e sobre seu corpo, e que ela pode perder o controle sob seu domínio.

“Ele faz com que eu me sinta viva novamente, entende?” Ela não espera por uma resposta.

Desde o início, vida e morte foram forças poderosas na narrativa de Eve. Começamos explorando a relação entre sexo, morte e reparação, e as misteriosas conexões com a história de sua família. Descobri que sua mãe havia perdido a própria mãe para o câncer quando tinha 14 anos. Durante dois anos, a mãe de Eve cuidou de sua mãe moribunda, mas parte de si morreu junto com ela. Eve e eu percebemos aos poucos que,

por meio de sua submissão sexual, ela entra em contato com a vontade de que alguém tome conta dela, de permanecer viva e de reparar um passado traumático.

Eve olhou para seu relógio e começou a calçar os sapatos novamente, preparando-se para o fim da sessão. Então, inclinou-se para trás e falou em voz baixa:

“Quando terminamos e Josh me leva para casa, fico emotiva. Amo fazer sexo com ele e amo quando ele me leva para casa.”

Temos outro momento de silêncio, e então ela diz, quase em um sussurro: “Observo ele segurando o volante, com uma expressão séria no rosto, e acho que ele é o homem mais lindo que já conheci. Quero beijá-lo, mas sei que isso não é uma boa ideia; afinal, não estamos mais no escritório, e fazemos de conta que ele é meu chofer.

“Ele me deixa a algumas quadras do meu prédio e, quando me despeço dele, meu coração se parte um pouco. Eu não quero subir as escadas e voltar para a estrada da minha vida. Josh sabe exatamente como me sinto e, sem que eu precise falar alguma coisa, ele me diz: ‘Não se esqueça do quanto eu te amo. Te vejo na quarta. Está logo ali; vai chegar mais rápido do que imagina.’”

“Faço uma careta, e ele sabe que acho que vai demorar anos para chegar a próxima quarta-feira e que terei muitos sentimentos e pensamentos dos quais ele não fará parte até lá. Então, ele diz: ‘Estou no nosso app. Estou aqui, mesmo que não esteja fisicamente contigo.’”

Ela colocou os óculos de sol. “É aí que costumo parar de sentir qualquer coisa e saio do carro.” Percebi que ela precisou se desconectar para deixá-lo, e que ela fez o mesmo diante dos meus olhos ao me falar sobre isso. Eu a perco para um longo silêncio antes de sua partida.

MUITOS DOS MEUS pacientes se consultam comigo por causa dos meus escritos profissionais e de minhas aulas sobre a questão da sexualidade. Atendo homens e mulheres que se sentem destroçados pelas traições de seus parceiros, outros que tiveram ou estão tendo um caso e aqueles que são amantes de pessoas casadas. Suas histórias são diferentes e suas motivações são diversas, mas todos revelam que estão sentindo profunda agonia conforme lutam contra seus próprios segredos ou com os segredos das pessoas em suas vidas.

Embora esteja ciente do aspecto transacional de cada relacionamento, eu também acredito no amor. Acredito no poder da ligação entre duas pessoas, na lealdade como um dos fundamentos básicos da confiança e acho que forças destrutivas e criativas fazem parte de todo relacionamento. Amamos e, às vezes, também odiamos as pessoas que amamos; confiamos nelas, mas temos medo dos ferimentos que elas podem nos causar. Um dos objetivos associados com o crescimento é a habilidade de integrar sentimentos positivos e negativos: de odiar com amor, de amar mesmo reconhecendo momentos de desapontamento e de raiva. Quanto mais estamos cientes dos nossos desejos destrutivos e os controlamos, mais nos tornamos capazes de amar por completo.

A vida, até certo ponto, se resume à tensão entre o desejo de destruir — acabar com o amor, com a bondade e com a própria vida — e o Eros, que representa não apenas o sexo, mas também o desejo de sobreviver, criar, produzir e amar. Essa tensão existe em cada aspecto das nossas vidas, inclusive em nossos relacionamentos.

A percepção psicológica nos ajuda a identificar e a trazer tais impulsos e desejos até o campo da nossa consciência, e a questionar nossas escolhas e as escolhas das pessoas que vieram antes de nós. Quando o assunto é traição, esse trabalho passa a ter múltiplas camadas, e a distinção entre a destruição e a morte, e entre a sobrevivência e a vida não é sempre tão óbvia.

Um dos motivos significativos do porquê as pessoas fazem terapia é para procurar verdades desconhecidas sobre si mesmas. Essa investigação começa com um desejo de saber quem realmente somos e quem nossos pais foram, e isso sempre inclui o medo de saber. Por que Eve tem esse relacionamento com Josh? Por que agora? Qual parte disso tem a ver com a necessidade de sobreviver e voltar a viver, e qual parte está ligada à morte e à destruição? De que forma sua vida atual é um reflexo das vidas das mulheres que vieram antes dela e uma tentativa de curar não apenas a si mesma, mas também as feridas da sua mãe e a sua avó moribunda?

A infidelidade é destrutiva no sentido de que sempre causa danos a um relacionamento, mesmo quando o dano é invisível de início. Mas as pessoas têm casos não apenas porque querem destruir seus relacio-

namentos ou sair deles; paradoxalmente, a infidelidade é, às vezes, um esforço para permanecer em um casamento. A traição costuma ser uma maneira de equilibrar o poder no relacionamento ou de preencher necessidades que não são satisfeitas. Muitas vezes, embora a traição seja uma ação sexual e uma forma indireta de expressar sentimentos negativos, como hostilidade e raiva, também é uma maneira de proteger o casamento contra esses sentimentos ao mesmo tempo em que mantém o status quo do relacionamento.

Por meio do sexo, sentimentos que não são permitidos no relacionamento em si, em especial a agressão, encontram uma forma de ser expressados. Não é incomum que as pessoas descrevam o sexo fora do casamento como mais agressivo, e o sexo no casamento como mais gentil e “civilizado”. Visto que os parceiros protegem inconscientemente um ao outro contra agressões, eles fazem com que o relacionamento se torne dormente. Onde não há espaço para agressão, costuma não haver espaço para o sexo também.

A mesma tensão dialética entre a vida e a morte existe no desejo sexual, especialmente em relacionamentos de longo prazo. Em seu livro *Can Love Last?* [O Amor Pode Durar?, em tradução livre], o psicanalista norte-americano Stephen A. Mitchell aborda esse choque entre a aventura e a segurança na vida sexual. Mitchell enfatiza que o romance, a vitalidade e a sexualidade são fatores que devem ser cultivados e apreciados e que fazem a vida valer a pena. Ele sugere que o romance tem muito a ver com a excitação existencial de estarmos vivos. Com o passar do tempo, o romance sexual se transforma em algo muito

menos animador ou até desanimador, porque ele depende do perigo, do mistério, da aventura, e não da segurança e da familiaridade de um relacionamento em longo prazo.

“Podemos continuar desejando pessoas com quem nos sentimos seguros?”, questiona Mitchell. Ele sugere que o segredo para o amor em longo prazo é o delicado equilíbrio entre a segurança e o perigo, o familiar e a novidade. A psicoterapeuta Esther Perel fala sobre o paradoxo do ambiente doméstico e do desejo sexual em seu livro inovador, *Sexo no Cativo*, e se esforça para ajudar casais a abrir um espaço lúdico para a aventura e, conseqüentemente, para a excitação sexual em seus relacionamentos. Perel se aprofunda nesses temas e em outros para examinar a complexidade da infidelidade.

A investigação psicanalítica é uma jornada complexa e cheia de nuances até o delicado coração de uma pessoa. O perigo e a segurança, a destruição e a construção, a vida e a morte, e os problemas de múltiplas gerações surgem, de diferentes modos, em cada uma dessas jornadas.

Durante nossa primeira sessão juntas, Eve nem sequer tirava seus óculos de sol. Ela se sentava no divã, cruzava as pernas e chorava.

“Estraguei a minha vida”, dizia ela. “Não sei, mas talvez já a tenha destruído. Não sei o que fazer.”

Ela me contou que seu marido era um bom homem e que ela tinha um casamento satisfatório.

“Eu realmente amo meu marido”, contou ela. “Temos uma linda família, meus filhos são maravilhosos e são tudo com que sonhei. Eu tenho tudo que sempre desejei. Talvez só esteja sendo gananciosa demais.” Então ela me falou sobre a noite que a fez perceber que havia perdido o controle da sua vida.

“Em geral, nos encontramos no seu escritório. Mas, naquele fim de semana, foi diferente, porque tanto sua esposa como meu marido estavam viajando, e achamos que seria uma boa oportunidade de passarmos a noite juntos. Nunca havíamos feito isso antes, e acho que nós dois estávamos animados, porém ansiosos.”

Ela pediu que sua babá passasse a noite com as crianças, e Josh reservou um quarto de hotel que ficava na frente do seu escritório. Eve me disse que, se seu marido olhasse o app que indicava a localização um do outro, ele conseguiria encontrá-la com facilidade. Eles haviam instalado o aplicativo no início do ano para poder ficar de olho na filha, que havia acabado de fazer 12 anos e estava começando a ir a pé sozinha para a escola.

“Esse app havia se tornado um grande problema, pois eu sabia que minha família sempre podia ver onde eu estava. Sei que é difícil de acreditar nisso, mas eu realmente odeio mentir”, afirmou ela, quase que se desculpando. “Eu preferiria não ter que dar explicação nenhuma do que ter que mentir. Decidi desligar meu telefone naquela noite, senão, teria que mentir sobre onde estava.” Ela suspirou. “Ah, meu Deus. Que bagunça.”

Eve pausou, com lágrimas nos olhos.

“Minha noite com Josh foi ainda melhor do que eu esperava. É difícil colocar em palavras como me senti, porque não sabia que um sentimento como esse existia. Finalmente estávamos em um lugar tranquilo, só nós dois, e tínhamos o que parecia ser um tempo infinito. Parecia que éramos um casal de verdade, totalmente devotados um ao outro, totalmente nos corpos e mentes um do outro. Fizemos sexo por horas e eu ficava sussurrando no ouvido de Josh: ‘Eu te amo. Você me faz muito feliz.’

“‘Eu sei, querida. Também estou feliz’, respondeu ele.

“‘Você acha que podemos transformar este lugar no nosso lar?’, perguntei, referindo-me ao pequeno quarto de hotel que parecia tão perfeito naquele momento.” Eve ergueu a cabeça e me encarou: “Ao te contar isso agora, percebo que projetei todos os meus desejos naquele estúpido quarto de hotel. Eu me senti uma idiota. Quando estávamos deitados e apoiei minha cabeça no ombro dele, não pensei em nada. Nada mais existia no momento. Eu me sentia realmente feliz.”

Eve pausou por um momento. Ela parou de me encarar e continuou. “Estar nos braços de Josh é diferente. Tem algo a ver com seu toque. É como se ele fosse forte e gentil ao mesmo tempo, e acho que me perco por completo quando estou com ele. É um sentimento que nunca experimentei antes. Mas acho que esse era o problema. Foi por isso que a noite terminou tão mal.” Ela suspirou.

“Acordei às 6h e, quando saí do hotel, liguei meu telefone. Eu tinha dez mensagens na caixa postal e várias mensagens de texto da babá dizendo que meu filho havia tido um ataque de asma e que eles tinham

ido ao hospital. Comecei a chorar, tentando ligar para o médico. Não conseguia acreditar que eu havia deixado isso acontecer. Foi nesse momento que percebi que havia perdido o controle da minha vida e que estava em grandes problemas. Foi então que decidi me consultar com um terapeuta.” Ela voltou a me encarar e me perguntou, desesperada: “O que vou fazer? Me diga! É loucura que eu o ame?”

Freud escreveu que uma das coisas menos favoritas que ele tinha para fazer era trabalhar com pacientes que estavam apaixonados. Para ele, o amor era um sentimento irracional e a pessoa apaixonada estava em uma fase semipsicótica, sem contato com a realidade. Ele acreditava que essa fase não permitia que o paciente entrasse em contato com nenhuma outra realidade emocional além de seu próprio amor e sentimentos eróticos e que, assim, a percepção genuína era praticamente impossível.

Irvin Yalom começa seu livro, *O Carrasco do Amor*, dizendo que ele também não gosta de trabalhar com pacientes que estão apaixonados. Para ele, isso acontece por causa da inveja. “Eu também anseio pelo encanto”, escreve ele honestamente.

Sem dúvida, o terapeuta, quase como uma criança que espia o quarto dos seus pais, é um “forasteiro” que testemunha o caso de amor do seu paciente e talvez se sinta deixado de lado e com ciúmes. No entanto, o terapeuta não se identifica apenas com o forasteiro excluído — ou seja, a criança —, mas também com aqueles que fazem parte da história, com aqueles que se apaixonam.

Tudo fica mais complicado, entretanto, quando esse amor é ilícito e quando vários componentes morais e éticos estão ligados a ele. Como a maioria das pessoas, os terapeutas podem sentir várias coisas sobre esse tipo de amor; eles podem sentir conflito moral, culpa ou se identificar com o parceiro traído; podem sentir ciúmes do paciente que consegue fazer uma coisa que eles mesmos gostariam de fazer; talvez queiram fazer o paciente se tornar uma “pessoa melhor” e ajudá-lo a terminar o caso; podem até alimentar uma fantasia romântica na qual o paciente foge com o amante.

Deparei-me com essa complexidade ao escutar Eve, ciente de que a busca pela verdade sempre é dolorosa. Ela nos obriga a diminuir a velocidade, a examinar nossas vidas e a substituir a ação pela reflexão. Qual é o real significado de uma traição? Será que saber quais forças estavam por trás da sua infidelidade é algo com o qual Eve poderia lidar? Será que conseguiria dar conta de reconhecer a dor que carregava desde a infância, a qual seu caso prometia aliviar? Será que conseguiria identificar como sua mãe e sua avó viviam no seu caso de amor? Será que conseguiria sobreviver?

EVE CHEGOU CINCO minutos atrasada na sessão seguinte.

“Acordei tarde e mal consegui chegar aqui”, informou ela ao entrar. “Tinha muito trânsito e não consegui encontrar um lugar para estacionar. Pensei comigo mesma: ‘Vou precisar de um milagre para chegar no horário.’”

Ao ouvi-la, perguntei-me se seu desejo era não conseguir chegar até o meu consultório para não precisar iniciar o doloroso processo de autorreflexão. Mas também ouvi a parte em que ela se surpreendeu com o fato de ter conseguido chegar, não apenas para a nossa sessão, mas talvez para a sua vida.

“Talvez você se surpreenda com o fato de ter chegado aonde chegou — se tornando uma adulta funcional com uma carreira de sucesso, um marido amoroso e dois filhos. Talvez isso lhe pareça um milagre”, comentei.

Ela sorriu. “Às vezes eu não tenho certeza de como isso aconteceu. Não consigo acreditar que essa é realmente a minha vida. Sei que isso pode soar superficial, mas até a minha aparência me surpreende às vezes”, confessou. “Eu era uma menininha feia, ‘estranha’, como meus pais costumavam dizer.” Ela me encarou e acrescentou: “Mas a verdade é que não sei de mais nada agora. Acho que estou me transformando naquela menininha novamente, a que não tinha nada nem ninguém. Acho que destruí tudo que criei e que não terei uma segunda chance. Desta vez, não vou conseguir.”

Eve não se lembra muito da sua infância. Ela se lembra de ficar muito tempo sozinha, brincando solitária debaixo da mesa do quarto que dividia com seus três irmãos mais novos. Ela fazia bonequinhos de papel e brincava de casinha com eles. Eram a grande família que esperava ter algum dia, uma família com vários filhos que amariam e protegeriam a ela e uns aos outros. Aquele espaço debaixo da mesa era o seu lar. Ela cobria a mesa com um cobertor e se escondia ali para dar asas à sua imaginação sem interrupções.

“Nas minhas encenações, havia uma história que eu costumava repetir vez após vez”, contou ela.

“Era o aniversário da filha e nenhum dos membros da família queria cantar ‘Parabéns Pra Você’. Eles a ignoravam, insultavam e atacavam. Era o pior dia da sua vida, e ela se sentava em um canto da casa e chorava em silêncio.”

Essa história acabava com uma transformação: de repente, em um minuto, tudo mudava. A garota rejeitada descobria que tudo era um truque, uma maneira de a família esconder uma grande festa surpresa que haviam planejado para ela.

“Ela percebe que foi tudo um truque”, conta Eve num tom infantil, e sei que ela está me dizendo que, quando criança, esperava que tudo não passasse de uma distração, queria que tudo mudasse algum dia. O desejo pela transformação era uma parte importante da sua fantasia de criança. Ela sonhava em como transformaria sua feiura em beleza, seu desespero em esperança, seu estado indefeso em poder, o ódio em amor e tudo que parecia morto em vida. E isso aconteceu. A menininha se transformou em uma mulher linda, poderosa e bem-sucedida. Ela ganhou a família que sempre quis. Mas, quando sua filha fez 12 anos, ela subitamente se sentiu vazia, como se estivesse morrendo por dentro.

“E então conheci Josh”, contou. Ela ficou em silêncio por um momento, se virou e olhou pela janela. “Ele cuida de mim como se eu fosse uma menininha”, sussurrou ela, como se estivesse falando consigo mesma. “Ele cuida de mim mais do que qualquer outra pessoa cuidou, do jeito que imagino que minha mãe cuidou da mãe dela.”

Continuo acompanhando as associações de Eve e entro com ela na história de sua família, no quarto onde estava sua avó doente, e onde a mãe de Eve, Sara, então com 12 anos, se encontrava ao seu lado. Percebi que a filha de Eve havia completado essa mesma idade quando o caso com Josh começou.

A avó de Eve já estava doente, com câncer de fígado, há dois anos. Ela havia feito radioterapia e quimioterapia e passou por uma curta remissão antes de o câncer voltar. Ela passou por mais sessões de quimioterapia, mas só ficou mais e mais doente. Sara tinha 14 anos quando sua mãe morreu.

“Assim como eu, minha mãe era a mais velha de quatro filhos e a única menina. Era a principal cuidadora da sua mãe e uma filha responsável e devotada. Ela me disse que, por meses, sua mãe ficou deitada na cama o dia inteiro com febre alta, e que ela tentava ajudar, trazendo-lhe gelo e toalhas úmidas para controlar a febre. Mas nada funcionava. À medida que o tempo passava, as febres começavam mais cedo no dia e duravam a noite toda. Meu avô começou a dormir na sala de estar; minha mãe levantava no meio da noite para ver como sua mãe estava e voltava para casa logo após a escola para ver se ela precisava de alguma coisa.

“Nas últimas semanas, sua mãe mal abria os olhos. Quando abria, parecia que estava olhando para o nada, não conseguindo ver algo de fato. Minha mãe não estava certa se sua mãe sabia que ela estava deitada ao seu lado. Sua pele ficou amarelada e sua boca ficava entreaberta o tempo todo, como se não conseguisse mantê-la fechada. Conforme as

toxinas do fígado invadiam seu cérebro, ela foi ficando confusa e, de vez em quando, sussurrava alguma coisa que não fazia sentido — por exemplo, que precisava dar comida para os cachorros, embora eles nunca tivessem tido cachorros. Minha mãe imaginou se ela não estava se referindo a um cachorro que ela teve quando era criança, mas nunca descobriu se esse cachorro existiu.

“Acho que ela nunca superou a morte da mãe”, concluiu Eve. “Ela me falou sobre os últimos dias da vida da sua mãe muitas vezes, como se o fato de ela me contar a ajudasse a processar isso melhor ou como se o fato de eu saber cada detalhe fosse necessário para que ela não se sentisse tão só.”

Nos últimos dias de vida da mãe, Sara não foi à escola. Ela se deitava na cama com a mãe e procurava ouvir sua respiração. Servia de conforto para ela saber que sua mãe ainda estava viva, que sua mãe podia ouvi-la. Mas Sara sabia que não podia mais tocá-la; seu corpo havia se tornado tão sensível que até um toque gentil poderia machucá-la.

Uma enfermeira do hospital vinha visitar sua casa diariamente e, certo dia, ela chamou Sara no outro cômodo e lhe disse que sua mãe morreria em breve — dentro de algumas semanas ou dias. Ela lhe deu um livrinho verde que descrevia o que podia esperar. Mas Sara não conseguia acreditar. Ela achava que, se ficasse na cama com a mãe, poderia mantê-la viva; que, se ela sincronizasse sua respiração com a da mãe, elas poderiam respirar juntas para sempre.

No aniversário de 14 anos de Sara, sua mãe inspirou profundamente 7 vezes — cada inspiração parecendo um suspiro — e, por fim, uma última vez. Ela tinha um pequeno sorriso no rosto, mas não estava mais viva.

Eve me contou isso como se estivesse falando da sua própria mãe falecida. Eu tinha lágrimas nos olhos, mas ela não. Ela me encarou e inspirou profundamente. Será que estava se certificando de que ainda estava viva?

Ela se moveu, com desconforto. “Você mencionou antes que minha mãe tinha 12 anos quando a mãe dela ficou doente e que minha filha tinha 12 anos quando comecei a ver Josh. Eu nunca havia feito essa conexão. Eu sempre choro quando fazemos sexo. De vez em quando, eu peço que ele me salve, que me leve a algum lugar, que me leve para longe.”

“Não é incomum que o sexo se torne uma tentativa desesperada de curar nossos pais feridos e a nós mesmos”, comentei. Então Eve começou a chorar.

“Isso é terrível”, sussurrou ela. “Se as mães adoecem quando suas filhas fazem 12 anos, e depois morrem, então é claro que eu tinha que salvar minha vida”, concluiu. Eu lhe perguntei se ela tinha alguma lembrança dessa época, de quando tinha uns 12 anos.

Eve me encarou, surpresa. Ela não tinha muitas memórias de infância.

“Que estranho”, ponderou. “Afim, foi minha mãe quem me criou, que ficava em casa com os filhos, mas eu não tenho nenhuma lembrança real de momentos que passei com ela.” Ela pausou e olhou pela